



SEÇÃO: TEMÁTICA LIVRE

A crônica de Alcione Araújo como espaço de cristalização da literariedade: “No crepúsculo do outono” e “Sherazade espantada”

The chronicle of Alcione Araújo as a space of crystallization of literariness: “In the twilight of autumn” and “Amazed Sherazade”

La crónica de Alcione Araújo como espacio de cristalización de la literariedad: “En el crepúsculo del otoño” y “Sherazade asombrada”

Ívânia Campigotto

Aquino¹

orcid.org/0000-0001-9221-3473

ivania@upf.br

Luís Francisco Fianco

Dias¹

orcid.org/0000-0002-4839-6759

fcofianco@upf.br

Wilian Dal' Ponte¹

orcid.org/0000-0002-2099-7720

71556@upf.br

Recebido em: 26 fev. 2020.

Aprovado em: 1 mar. 2021.

Publicado em: 11 jun. 2021.

Resumo: A literatura se manifesta, ao longo do tempo, como uma das formas artísticas mais expressivas da humanidade. O poder da escrita aliado ao talento individual autoral são características que engrandeceram essa arte humana de, por meio da justaposição de palavras, compor não somente a vida de personagens criados no âmbito da ficcionalidade, mas a existência do próprio homem, mostrando ora seus feitos e grandezas, ora seus infortúnios e mazelas. Este artigo, nesse sentido, tem o objetivo de verificar, por meio de pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, como algumas características inerentes à literariedade se manifestam em dois textos pertencentes ao gênero crônica. O primeiro deles é o que se intitula “No crepúsculo do outono”. Já o segundo é “Sherazade espantada”. Tais escritos fazem parte da obra *Cala a boca e me beija*, livro de crônicas escrito por Alcione Araújo, publicado pela editora Record no ano de 2010.

Palavras-chave: Literatura. Alcione Araújo. Crônica. Literariedade.

Abstract: The Literature manifests itself, throughout time, as ones of humanity's most expressive artistic forms. The writing power, along with individual skill, are the characteristics which aggrandize this human art of, through the word juxtaposition, composing not only the life of made up characters in the fiction space but the existence of the own man, showing sometimes their deeds and greatness, sometimes their misfortunes and flaws. This paper, in this way, has the objective of verifying, through qualitative research of bibliographic feature, as some characteristics inherent to the literacy manifest themselves in two texts belonging to the chronicle genre. The first of them is the one entitled “No crepúsculo do outono”. The second is “Sherazade espantada”. Those writings are both part of the publication *Cala a boca e me beija*, chronicle book written by Alcione Araújo, published by Record publishing house in 2010.

Keywords: Literature. Alcione Araújo. Chronicle. Literariness.

Resumen: La literatura se manifiesta, a lo largo del tiempo, como una de las formas artísticas más expresivas de la humanidad. El poder de la escritura, aliada al talento individual del autor, son los rasgos que magnificaron ese arte humano de, por medio de la yuxtaposición de palabras, componer no solo la vida de personajes creados en el ámbito de la ficcionalidad, sino en la existencia del propio hombre, a veces mostrando sus hechos y grandezas, a veces sus infortúnios y llagas. Este artículo, en ese sentido, tiene como objetivo verificar, a través de una investigación cualitativa de carácter bibliográfico, como algunas características inherentes a la literariedad se manifiestan en dos textos pertenecientes al género crônica. El primero de ellos se intitula “No crepúsculo do outono”. Ya el segundo es “Sherazade espantada”. Tales escrituras forman parte de la obra *Cala a boca e me beija*.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil.

e me beija, livro de crônicas escrito por Alcione Araújo, publicado por la editora Record en el año de 2010.

Palabras clave: Literatura. Alcione Araújo. Crónica. Literariedad.

Considerações iniciais: apresentação e contextualização

O homem, enquanto ser dotado de racionalidade, capacidade crítica e poder reflexivo, sempre teve a real necessidade de manifestar-se, seja por meio da fala, seja através da escrita. Essa segunda modalidade de manifestação, porém, não se constitui como exercício fácil e tão natural como a primeira. A palavra – poderosa entidade de expressão – atua como potencial “ferramenta” à revelação das características mais subjetivas humanas, ou seja, aquelas que nem sempre conseguem ser plenamente exteriorizadas através do exercício da oralidade.

A escrita, em consonância a isso, atua como modalidade de registro das palavras no papel. Essa atividade, entretanto, mesmo que perpetuando textos por gerações, fazendo-os avançar e sobreviver ao inexorável poder do tempo, não garante a esses elementos escritos o título, inquestionável, de “Literatura”. É preciso que qualquer componente escrito, independentemente da tipologia, do gênero ou da extensão, possua algumas características específicas para que possa, a partir delas, ser compreendido e interpretado como objeto literário.

A propriedade da literariedade, por sua vez, se mostrou resistente e não feneceu em meio às constantes mudanças que pontuaram o cenário literário que acompanhou a humanidade ao largo de sua ininterrupta transformação. Há de se mencionar, inicialmente, que a tradição oral foi a forma que, de certo modo, impulsionou a arte literária. A remota escrita em pedras e a promissora impressão no papel foram outros meios de registro que facilitaram a expansão da Literatura, haja vista que essa, até a atualidade, exerce funções fundamentais como a preservação e o fortalecimento do patrimônio cultural da humanidade.

A partir desse contexto, a Literatura (enriquecida pela propriedade da literariedade) não se

consolida, hoje, como forma de arte estanque, monótona, alheia ao tempo e ao espaço. A leitura – interpretada aqui como prática literária – realizada pelo simples deleite de “saborear” as palavras ou como forma de obtenção de elevação espiritual e de ampliação de múltiplos conhecimentos, permite que o homem experiente, também, o poder que envolve o universo que mescla palavras, versos, musicalidade e que consolida nossa rica tradição literária.

Impossível é desconsiderar, além disso, a relação existente entre língua e Literatura, visto que a primeira, inevitavelmente, determina a existência da segunda. A Literatura, assim, possibilita que a língua se consolide como patrimônio coletivo, acompanhando, de certo modo, a sociedade em suas ações, movimentos e particularidades. A arte literária, estando em plena sintonia a isso, “molda” os caminhos da língua, pois mesmo que essa seja livre e multidirecional aquela atua como fio-condutor que faz com que a mobilidade linguística seja um processo coordenado, centrado, mediado e engajado à sociedade que o determina.

Outros aspectos complementares a esse universo temático devem ser trazidos à tona. Em primeiro lugar, há de se destacar que a Literatura também cria, por meio de técnicas múltiplas, identidades e, como consequência direta disso, comunidades. A propriedade de língua individual é, sem dúvida, outra característica determinada pela Literatura, sendo mais especificamente posta em ação por meio da prática literária das inumeráveis sociedades.

Nesse contexto, este artigo tem o propósito de realizar a análise de dois textos (crônicas) que se encontram inseridos na obra *Cala a boca e me beija*, de autoria de Alcione Araújo. Tendo sido realizada a leitura exploratória do livro, as crônicas “No crepúsculo do outono” e “Sherazade espantada” foram selecionadas como objetos que servirão como fiéis protótipos de cristalização de algumas características que nos possibilitam afirmar que ambos os textos se constituem como escritos de natureza literária.

Alcione Araújo era romancista, dramaturgo e cronista. Escreveu várias crônicas que publicava

semanalmente no jornal *Estado de Minas*. Ele possuía a capacidade de, mesmo estando em contato com a confecção de outros gêneros textuais, conseguir manter viva a escrita de um texto mais real, informal e cotidiano, que se inseria no gênero crônica, fazendo de Alcione um expoente literário nacional.

A seção seguinte deste trabalho pretende fazer uma explanação acerca da linguagem literária, a fim de que se possa conhecer mais sobre isso, aprofundando conhecimentos e permitindo, dessa maneira, novas reflexões.

1 Alguns apontamentos sobre a linguagem literária

A Literatura se desenvolve através do discurso, seja ele de natureza oral, seja de caráter gráfico (representado por meio da escrita). Nesse contexto, há de se diferenciar a forma de comunicação oral (cotidiana) da metodologia literária de interação.

Enquanto a escrita e a comunicação são – no espectro do discurso da arte literária – mais formais e desvinculadas da noção de verdade de correspondência incontestável, o discurso cotidiano é bastante denotativo e fiel ao aspecto morfológico. Na tentativa de elucidar essa importante questão, Domicio Proença Filho (2007, p. 7-8) explica que o texto da Literatura é

um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e econômicas mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele marcas profundas de psiquismo, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, coparticipe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que não são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que nele se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, na condição de receptores e usuários de um saber comum. O discurso literário traz, em certa medida, a marca da opacidade: abre-se a um tipo específico de descodificação ligado à capacidade e ao universo cultural do receptor. Já se percebe o alto índice de multissignificação dessa modalidade de linguagem que, de antemão, quando com ela travamos contato, sabemos ser especial e distinta da modalidade própria do uso cotidiano. Quem se aproxima do texto literário sabe *a priori* que está diante de manifestação da literatura.

A noção conceitual de discurso literário nos possibilita, assim, compreender mais facilmente os textos, à medida que serve como critério distintivo de separação entre o que se entende como literário e não literário.

O discurso literário e a crônica estão inseridos no espectro de abrangência da Literatura. O que é, porém, Literatura? Há uma resposta concreta e esclarecedora acerca disso? Pode-se, diante da complexidade conceitual que a envolve, definir o que seja Literatura? Mesmo em meio à vastidão de questionamentos, considerações teóricas foram realizadas e nos permitem fazer apontamentos. Sobre isso, Proença Filho (2007, p. 8, grifo do autor) posiciona-se, mostrando que a Literatura é tradicionalmente entendida

como uma arte verbal. A arte da palavra, segundo Aristóteles. Mas isso diz pouco. Mesmo porque, durante longo tempo, limitava-se às composições em verso. Considerando o termo, em sentido restrito, a partir de uma perspectiva estética, isto é, como equivalente à *criação estética*, o conceito de literatura, como acontece com outros fatos culturais, não é matéria pacífica entre os estudiosos que a ela se dedicam. Resiste ao rigor de uma conceituação. Assim situado, tem vivido, ao longo da história, variações significativas.

A teoria da literatura, por exemplo, conseguiu englobar, em seu esteio, algumas noções mais aprofundadas sobre o que se entende como "Literatura" no universo inerente aos povos ocidentais. Tais considerações são significativas, pois nos auxiliam a entender a evolução literária como um processo não marcado pela exclusão, mas regido pela complementação, através da soma de noções diversificadas, facilitando os estudos sobre a literariedade, no contexto da produção literária atual.

Na tentativa de tornar visível essa reflexão, Domicio Proença Filho (2007, p. 9, grifo do autor) afirma que há os que entendem que a obra literária envolve

uma *representação* e uma *visão* do mundo, além de uma *tomada de posição* diante dele. Tal posicionamento centraliza, assim, suas atenções no *criador* de literatura e na *imitação* da natureza, compreendida como *cópia* ou *reprodução*. A linguagem é vista como mero veículo de comunicação, e, como assinala Maurice-Jean Lefebvre, "a 'beleza' da obra resul-

ta, então, de um lado, da originalidade da visão, e, de outro, da adequação de sua linguagem às coisas expressas". É a chamada *concepção clássica* da literatura. No século XX, os românticos acrescentam algo a esse conceito: à luz da ideologia que os norteia, entendem que ao artista cabe a visão das coisas como ainda não foram vistas e como são profunda e autenticamente em si mesmas. Associa-se ao texto literário, desse modo, a valorização da subjetividade. O que não impede que teorizadores como Mme. De Staël, no seu *De La littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, livro de 1800, ainda entendam que, em sentido amplo, como assinala Luiz Costa Lima, a literatura englobe "todos os escritos filosóficos e as obras de imaginação, 'tudo o que, enfim, concerne ao exercício do pensamento nos escritos, com exceção das ciências físicas'".

As reflexões sobre o conceito de Literatura fazem com que o homem compreenda como essa forma artística foi tratada com o passar do tempo. Isso não nos oportuniza, contudo, estabelecer uma definição derradeira acerca do conceito de Literatura apresentado, pois ele permanece, de certo modo, aberto. Isso posto, antes de discutir mais especificamente os aspectos relacionados, exclusivamente, à literariedade, é pertinente finalizar as reflexões sobre a língua e a linguagem literária (essa última compreendida em sentido amplo, genérico).

A língua – entidade sociocultural – atua como prática parceira da Literatura à medida que facilita a constituição social e identitária humana. Essa associação se revela como atitude vanguardista, pois não há uma dissociação ou uma ruptura entre atividades que, seguindo caminhos complementares, atuam como facilitadores sociais, construtores da identidade cultural nacional. Em concordância a isso, Proença Filho (2007, p. 38-39) justifica que a Literatura se vale da língua e revela

dimensões culturais. Cultura, língua e literatura estão, portanto, estreitamente vinculadas. Reiterando noções e ampliando a explicitação: a linguagem literária é eminentemente conotativa. A conotação se pluraliza em função do universo cultural dos falantes; prende-se, portanto, às diferenças de camadas socioculturais e ao processo de desenvolvimento da cultura. Fácil é concluir que a literatura, apoiada num sistema de signos linguísticos que representam o mundo e revelam dimensões profundas do ser humano, traduz o grau de cultura de uma sociedade. E mais: por força de sua natureza criadora e fundadora, pode configurar-se como espelho ou como denúncia, como conservado-

ra ou como transformadora. Essas dimensões têm marcado a história da arte literária ocidental, em que se desenvolvem movimentos ora assinalados por atitudes regressivas, ora por procedimentos de vanguarda. Sendo a obra de arte literária matéria ficcional, claro está que a realidade nela revelada não se confunde com a realidade socialmente dada. Ela interroga o mundo sobre sua realidade e a linguagem sobre sua obsessão de uma adequação perfeita ao ser do mundo. Não é uma solução, uma fuga para fora da linguagem e do humano: ela encarna uma nostalgia.

A linguagem literária, definitivamente, coloca o homem, enquanto agente social, em contato com outros universos, aqueles que não podem, por exemplo, ser explicados pela ciência, pelos conceitos de cunho moral ou até mesmo pelos estudos de ordem sociológica. Ela é, logo, atitude geradora de múltiplas leituras, sejam essas de obras de caráter literário, sejam da própria vida dos leitores que, de um modo ou de outro, leem o próprio mundo com o qual (inter)agem.

2 Crônica e literariedade: gênero e propriedade parceiros

Inicialmente é preciso, nesta seção que discutirá a confluência entre o gênero textual crônica e a literariedade, delinear alguns aspectos de ordem teórica bastante importantes.

A crônica se constitui enquanto texto que realiza um relato de acontecimentos diversificados que, de algum modo, tenham despertado a atenção e o conseqüente interesse do autor para que, assim, ele pudesse retratá-los. Interpretada como manifestação literária dotada de hibridismo e de multiplicidade, ela pode, em algumas situações, construir-se por meio de diversas facetas: diálogos, monólogos e entrevistas. Nessas novas roupagens, por exemplo, a crônica tem a possibilidade, inclusive, de apresentar personagens reais ou imaginárias, fazer espécies de "confissões" ao leitor ou realizar apelos de cunho social, dentre outros aspectos também relevantes.

Diante desse cenário, a crônica implica, necessariamente, a visão pessoal do autor, pois exige que traços nitidamente subjetivos possam ser revelados ao leitor, diante das variadas discussões das quais o criador textual é o mais fiel porta-voz.

Isso tudo pode ratificar características de contador de histórias – traço distintivo que perpassa a escrita do bom cronista. A recriação da realidade e a transcrição da sensibilidade são, também, qualidades autorais que florescem no processo de criação dos cronistas, visto que é de ampla dificuldade renegar a tudo isso no ato de elaboração de um gênero tão pessoal como a crônica.

A Literatura está embebida e é, ao mesmo tempo, moldada pela história, seja ela geral, seja de caráter especificamente nacional. Nossos primeiros cronistas, por exemplo, não são tão recentes como creem alguns desconhecedores desse cenário temático. Remontam da época das grandes navegações portuguesas nossas primeiras manifestações acerca desse gênero textual amplamente expressivo.

Na ânsia de descrever as novas terras, a exuberante natureza, os diferentes habitantes, os inusitados costumes e as infindáveis riquezas os lusitanos foram nossos primeiros cronistas, merecendo destaque nesse cenário Pero Vaz de Caminha, escrivão-mor da esquadra de navegadores oriunda de Portugal. Na tentativa de ilustrar esse fato significativo à Literatura do Brasil, Jorge de Sá (1985, p. 7-8) mostra que

a carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe a matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível, mas sua importância histórica e sua presença constante até mesmo nos modernos poemas e narrativas parodísticos atestam que, pelo menos, ela é um começo de estruturação. É o marco inicial de uma busca que, inevitavelmente, começaria na linguagem dos “descobridores” que chegavam à Terra de Vera Cruz, até que um natural dos trópicos fosse capaz de pensar a realidade brasileira pelo ângulo brasileiro, recriando-a através de uma linguagem livre dos padrões lusitanos. Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de conforto entre a cultura europeia e a cultura primitiva.

Válido é destacar, além disso, a relação que há entre a crônica e o jornal, não apenas na relação

etimológica de ambos os termos com o tempo, respectivamente “tempo” e “dia”. O cronista, tendo seu olhar voltado aos fatos sociais, refaz, de certa maneira, o que há muito o fez o folhetim. A transitoriedade da vida e a fugacidade do tempo – enquanto características determinantes ao fazer jornalístico – unem o passado e o presente, entrelaçando a crônica atual ao remoto texto folhetinesco. Isso tudo requer, porém, habilidade do autor, pois não é suficiente que o cronista apenas relate aspectos de ordem social: é preciso que o escritor reconstrua seu espaço existencial, ou seja, refaça, por meio das palavras, o cenário em que está inserido, confeccionando uma espécie de “fotografia” real, cujas observação e criticidade, moldadas pela subjetividade, são determinantes ao sucesso dessa contemplação idealizada a partir do (macro)universo social.

A fim de tornar mais visível a estreita relação existente entre o retrato social e a crônica, Jorge de Sá (1985, p. 15-16) reconstrói aspectos da realidade carioca de outrora, os quais elucidam essa questão, relatando, por exemplo, que Paulo Barreto

percebeu que a modernização da cidade exigia uma mudança de comportamento daqueles que escreviam sua história diária. Em vez de permanecer na redação à espera de um informe para ser transformado em reportagem, o famoso autor de *As religiões no Rio* ia ao local dos fatos para melhor investigar e assim dar mais vida ao seu próprio texto: subindo morros, frequentando lugares refinados e também a fina flor da madrugada carioca, João do Rio (seu pseudônimo mais conhecido) construiu uma nova sintaxe, impondo a seus contemporâneos uma outra maneira de vivenciar a profissão de jornalista. Mudando o enfoque, mudaria também a linguagem e a própria estrutura folhetinesca. Com essa modificação, João do Rio consagrou-se como o cronista mundano por excelência, dando à crônica uma roupagem mais “literária”, que, tempos depois, será enriquecida por Rubem Braga: em vez do simples registro formal, o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real. João do Rio chegava mesmo a inventar personagens, como o Príncipe de Belfort, e dava a seus relatos um toque ficcional.

A crônica – gerada a partir da observação social comprometida com a realidade – evolui à medida que aprimora sua capacidade técnica de relatar,

fielmente, aspectos relevantes ao homem que, por meio da leitura desse texto, tem a oportunidade de conhecer e de reconhecer seus próprios atos, seus costumes e suas tradições que, agora, são revelados no papel mediante o talento dos cronistas (observadores sociais).

O cronista, agente identitário de seu tempo, na tentativa de estar inserido em uma dada realidade, não pode esquecer, no momento em que transcreve aspectos que julga relevantes ao leitor, que a liberdade estética é uma característica fundamental à elaboração textual. Guiado pela autonomia criadora e pela literariedade – traço singular que perpassa a crônica – o cronista inclina seu olhar aquilino sobre os fatos, realizando, na escrita, a emolduração dele através do livre arbítrio criador que lhe é legado pela arte literária. Refletindo sobre isso, Sá (1985, p. 18-19) demonstra que na crônica

embora não haja a densidade do conto, existe a liberdade do cronista. Ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que também acontece como se fosse "por acaso". No entanto o escritor sabe que esse "acaso" não funciona na construção de um texto literário (e a crônica também é literatura), pois o artista que deseja cumprir sua função primordial de antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para apreender, terá que explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais), descortinando para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo.

A Literatura se consolida como uma das mais valiosas formas de expressão da arte. A crônica, por sua vez, atua como protótipo textual extremamente colaborativo a esse processo de engrandecimento literário, pois ao mesmo tempo em que, através de seu dinamismo e relato cotidiano, ela reconstrói as sociedades, ela é também "construída" pelo cronista, atendendo às características estéticas formais, não se constituindo apenas como texto meramente transitório, descompromissado ou quiçá displicente e empobrecido literariamente.

Em meio à efemeridade da vida, à fugacidade do tempo e ao ritmo acelerado que pontua o modo de viver da sociedade a crônica age

como uma espécie de ferramenta de atualização mediante os acontecimentos que poderiam permanecer ocultos em meio à densa "névoa" produzida pela pressa humana. Há de se ressaltar, entretanto, que mesmo estando envolvida nesse caótico cenário a crônica encontra o ponto de equilíbrio entre o modo coloquial de tratamento temático e o formalismo literário que, de uma maneira ou de outra, rege sua condição enquanto veículo de comunicação representado via-escrita. Jorge de Sá (1985, p. 22-23) traz à tona algumas considerações, explicando que à pressa de escrever, se junta a pressa de viver:

Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. [...] O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância. [...] Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também.

Nesse percurso feito até o momento acerca da condição literária da crônica se mostra representativo contextualizar, mesmo que de modo breve, como esse gênero textual se situa mediante o olhar de Alcione Araújo, especificamente aquele que se encontra representado na obra *Cala a boca e me beija*. A partir do momento em que julgamos importante retratar a literariedade presente nas crônicas "No crepúsculo do outono" e "Sherazade espantada" é preciso esclarecer como o autor de ambos escritos concebe esse gênero de texto mediante seu fazer literário.

O modo de composição textual de Alcione é amplamente diversificado, à medida que realiza uma justaposição de caracteres que denotam

preocupação social, jovialidade, fluidez e, acima de tudo, sensibilidade à flor da pele. As temáticas constitutivas das crônicas de Araújo percorrem múltiplos caminhos. A volta à infância e à adolescência, os mistérios insondáveis da vida, a simplicidade em sua verdadeira essência, o temor a Deus e a situação da paternidade são, dentre tantos outros, assuntos retratados com maestria pelo autor. Diante dos temas tratados por Alcione Araújo, e esses revelam sua face e alma, pode-se afirmar que ele interage com o leitor por intermédio de suas crônicas, uma vez que ambos pertencem a mesma realidade.

A crônica elaborada por Araújo, não obstante, é portadora de vocabulário rico, esteticamente bem concebido, complementado por traços singulares de bom-humor que, sem dúvida, despertam a atenção do leitor a cada nova página lida. Percorrendo trilhas diversificadas Alcione Araújo nos envolve em um cenário de múltiplas faces. A filosofia, a cultura de massa, o próprio mundo, o amor, as crianças, os adolescentes, a amizade, o lazer, as caminhadas descompromissadas, as histórias relatadas nos restaurantes, nos clubes e nos calçados fazem de seus textos retratos da própria vida cotidiana da legião de leitores de suas obras.

2.1 A literariedade: condição determinante no processo de criação literária

Antes de dar início à tarefa de análise das crônicas que foram selecionadas como objetos de contemplação deste trabalho é adequado mostrar, brevemente, algumas características que determinam o processo do fazer-literário. A elaboração do texto escrito exige que normas balizadoras conduzam tal atividade, sob pena de aquele componente que está sendo formulado não ser reconhecido, posteriormente, como Literatura. A esses fatores (condições de produção) dá-se o nome, então, de literariedade.

A partir desse paradigma, Carlos Reis (1997, p. 111, grifo do autor) nos explica que a constituição da linguagem literária

e do discurso que a configura podem ser entendidos como resultado de um **acto discursivo** próprio, propondo a uma comunidade de leitores um texto que essa comunidade reco-

nhecerá como **texto literário**. A postulação do discurso literário como resultado de um **acto discursivo** capaz de suscitar determinados efeitos - designadamente o de produzir um texto estético-verbal - decorre directamente da relevância que se reconhece à instância receptiva, como instância decisiva no reconhecimento da **literariedade**. Ao mesmo tempo, uma tal postulação implica a subversão do princípio que a **literariedade** depende, em exclusivo, de características intrínsecas reconhecidas no discurso literário. Esta é uma matéria que merece, desde já, alguma reflexão, mesmo enunciada nos termos sintéticos que aqui devem ser privilegiados.

As discussões acerca dos princípios que fazem com que um texto (como, por exemplo, a crônica) seja ou não seja literário motivaram estudiosos de diversificadas áreas de orientação científica a refletir sobre isso. O que se discute, porém, não é o fato de a linguagem literária ser uma forma de concepção excludente, alheia às demais técnicas linguísticas de elaboração da Literatura. Alguns questionamentos ainda intrigam as diferentes correntes científicas que estudam tal aspecto: que fatores tornam um escrito material verdadeiramente literário? E, também, quais as circunstâncias que regem esse processo, garantindo a alguns textos o título de "literário" e a outros o rótulo de "não literário"? Ilustrando essa inquietude vivenciada por parte de alguns teóricos, Reis (1997, p. 114, grifo do autor) concebe a hipótese de que

ora a evolução dos modernos estudos literários, nos últimos vinte anos, favoreceu, de facto, o deslocamento da questão da literariedade para o terreno da recepção, assim se refutando as teorias literárias de natureza **formalista** e **essencialista**; concomitantemente, o desenvolvimento de teorias de orientação **contextual** veio chamar a atenção para aspectos fundamentais do fenómeno literário, irreduzíveis a uma descrição exclusivamente formal: daí a acentuação da importância do **contexto pragmático** em que decorre a comunicação literária, a valorização da **recepção literária** e a tentativa de formação de uma teoria **empírica** e **global** da literatura.

Pode-se depreender, claramente, que o discurso literário é um somatório de condições que direcionam as produções escritas a um caminho em que a Literatura é o ponto de chegada.

A partir disso, mostraremos quais são os critérios que garantem a qualquer obra - inde-

pendentemente da tipologia ou do gênero – a propriedade de ser literária em detrimento de não ser literária. Antes disso, porém, há de se dizer que esses caracteres específicos referentes à literariedade se manifestam, sem exceção, na Literatura, por meio da especificidade de seu discurso, que se difere, qualitativamente, de outros tantos discursos que atuam no âmbito da comunicação humana de forma paralela.

O discurso de cunho literário, por exemplo, se caracteriza por sua complexidade, seja ela de ordem sintática, seja de caráter semântico ou semiológico. Eis aí, logo, a primeira propriedade referente à literariedade. Discutindo mais especificamente a questão que diz respeito à complexidade literária, Domício Proença Filho (2007, p. 41-42) diz que o que depreendemos do texto literário

ultrapassa, como já foi assinalado, os limites da simples reprodução. A natureza das informações que, por seu intermédio, são transmitidas, vai além do nível meramente semântico para se converter em algo tal, que sua comunicação se torna impossível através das estruturas elementares do discurso cotidiano. No dispositivo verbal configurador da obra de arte literária, revelam-se realidades que, mesmo vinculadas a elementos de natureza individual ou de época, atingem espaços de universalidade. O texto literário realmente significativo ultrapassa os limites do codificador para nos atingir, por força ainda do mistério da criação em literatura, com mensagens capazes de revelar muito da condição humana. Caracteriza um mergulho na direção do ser individual, do ser social, do ser humano.

Ainda imersos no (macro)universo de contextualização das características que nos conduzem à literariedade, outro aspecto fundamental merece especial atenção: a multissignificação.

A monossignificação inerente, por exemplo, ao discurso científico encontra uma face reversa representada pela propriedade literária de multissignificação. De modo esclarecedor, Proença Filho (2007, p. 44) menciona que a Literatura, na verdade, cria

significantes e funda significados. Apresenta seus próprios meios de expressão, ainda que se valendo da língua, ponto de partida. Superposto ao da língua, o código literário, em certa medida, caracteriza alterações e mesmo oposições em relação àquele. É um desvio mais ou menos acentuado em relação ao uso linguístico comum. Em termos literários, por

exemplo, assegurada a coerência do conjunto em que inseríssemos a afirmação, teriam sentido frases como “a flor de nossa rua comeu todos os medos” ou “a flor expulsou todos os monstros” e, fora desse âmbito sintático-vocabular, lembro versos como “Um supremíssimo cansaço/íssimo, íssimo/cansaço” de Fernando Pessoa, onde, como se vê, se fere, em nome da expressividade poética, a norma morfológica do idioma no seu uso cotidiano. E mais: para a plurissignificação do texto contribuem, como acentua Paul Ricoeur, fatores de ordem sincrônica e de ordem diacrônica. Vale dizer, os primeiros se vinculam à carga significativa ligada às relações entre as palavras no conjunto do texto de que fazem parte; já o plano da diacronia envolve tudo o que de significação e evocação o tempo agregou aos vocábulos, no decurso de sua história, incluídas nessa totalidade as dimensões resultantes do uso das palavras na tradição literária.

Em consonância a isso, quanto ao predomínio da conotação, a literariedade ganha ainda mais força de expressão nos textos nos quais ela, em potencial, se materializa. As postulações de viés teórico mostram que a linguagem literária é, por exemplo, eminentemente conotativa. O processo de criação literária, sendo assim, é atividade alicerçada por meio de estruturas morfológicas (palavras) que, através de arranjo combinatório especial, fazem emergir sentidos diferenciados.

A explicação acerca de tal questão se torna representativa por meio das palavras de Domício Proença Filho (2007, p. 45) que, detalhando essa questão, nos faz ver que os signos

verbais, no texto de literatura, por força do processo criador a que são submetidos, à luz da arte do escritor, revelam-se carregados de traços significativos que a eles se agregam a partir do processo sócio-cultural complexo a que a língua se veicula. O texto literário pode abrigar a presença de elementos identificadores de um real concreto, quase sempre garantidor de verossimilhança, como costuma também, nessa mesma dimensão, apresentar uma imagem desse real ligada estreitamente a outros elementos que fazem o texto. Essa presença, que pode trair uma dimensão denotativa, não é, entretanto, seu traço dominante. Este reside na conotação, conceito fundamental para os estudos de literatura e de tal maneira que especialistas como André Martinet, Georges Mounin e, entre nós, José Guilherme Merquior chegam a admitir que nas conotações reside “o segredo do valor poético de um texto”.

A literariedade, como se pode compreender, não é um simples processo de caracterização

inerente às obras de caráter literário. Outras características também fomentam essa propriedade inerente à natureza da Literatura. A liberdade na criação estética e a ênfase atribuída ao significado são, por exemplo, fatores que complementam as características que foram, até o momento, explicitadas. Ilustrando essas duas concepções, Proença Filho (2007, p. 46-47), mais uma vez, nos possibilita entender que

as manifestações literárias podem envolver adesão, transformação ou ruptura em relação à tradição linguística, à tradição retórico-estilística, à tradição técnico-literária ou à tradição temático-literária às quais necessariamente está vinculado o trabalho do escritor. A literatura se abre, então, plenamente, à criatividade do artista. Em seu percurso, ela consiste na constante invenção de novos meios de expressão ou numa nova utilização dos recursos vigentes em determinadas épocas. Mesmo nos momentos em que a obediência a determinados princípios pareceu regular os procedimentos literários, a literatura, por sua própria natureza, levou à abertura de caminhos renovadores. Enquanto o texto não-literário confere destaque ao significado, ou seja, ao plano de conteúdo, o texto literário tem o seu sentido apoiado no significado e no significante, com especial relevo concedido a este último. A questão, entretanto, não é pacífica. Sobretudo quando pensamos que, ao situar significante e significado no âmbito da semiótica, estes ganham dimensões que, embora relacionadas com a visão da linguística, adquirem matizes diferentes e contribuem efetivamente para o sentido do texto, principalmente em termos da informação estética que nele se configura.

A variabilidade e os modos de manifestação do discurso (em prosa ou em verso) finalizam, portanto, as características que, nessa discussão, elegemos como integrantes da literariedade. Em meio à alternância de utilização de todas essas propriedades no ato de composição de uma obra, o autor, por exemplo, pode construir um texto, provavelmente, dotado de literariedade. Carlos Reis (1997, p. 122, grifo do autor) traz à discussão um argumento finalizador dessa reflexão, comentando que somente uma indagação

sociocultural pode revelar se um texto há-de considerar-se, para uma certa época e por um certo público, literário ou não. O que fica dito não deve levar a pensar que os atributos formais do discurso literário são inteiramente irrelevantes para a identificação da **literariedade**. Se assim pensássemos, estaríamos a

desqualificar radicalmente o resultado desse labor quase sempre finalístico e intencional que é o da **escrita literária**, ao mesmo tempo que desprezariamos importantes propriedades estruturais que normalmente caracterizam o discurso literário.

Preciosa é, definitivamente, a obra literária que, valendo-se da utilização de tais critérios de literariedade, consegue, como consequência responsiva disso, despertar no leitor, por exemplo, o gosto e o encantamento peculiares à Literatura.

3 Olhares analíticos acerca da crônica

Este espaço de reflexão fará, sobremaneira, a análise de duas crônicas ("No crepúsculo do outono" e "Sherazade espantada"), escritas por Alcione Araújo. Nessa atividade lançaremos, a partir dos critérios anteriormente ilustrados inerentes à literariedade, um olhar calcado na criticidade, a fim de mostrar que a crônica – apesar de se constituir em um gênero textual bastante cotidiano, fluente e informal – apresenta peculiaridades distintivas que a tornam, indubitavelmente, objeto de interesse à Literatura.

O primeiro texto que será utilizado na realização de tal tarefa é o seguinte:

No crepúsculo do outono

Na calma tarde de outono, de sol tépido e brisa suave, o casal toma sorvete sentado no banco do parque, sob a ramagem chorona de árvores centenárias. Ele usa jeans, tênis e boné branco, do qual escapam fios e cabelos nevados. Ela, um leve vestido claro de florzinhas azuis, chapéu branco com fina fita azul: cabelos brancos flutuam sobre os ombros. O sorvete dela é amarelo; o dele marrom - ambos em copinhos vermelhos de papel.

Em porções comedidas, levam devagar o sorvete à boca, entregues à paz do bucólico recanto na cidade frenética. Movem a boca degustando o sabor gelado. Mantêm silêncio na fruição cúmplice, o olhar passeando, sem curiosidade nem surpresa, pelo céu, a copa das árvores, o repuxo de água cristalina na escultura que celebra em bronze o amor eterno do par apaixonado, as flores, a babá de branco, que lixa as unhas enquanto a criança se diverte com os pombos, o homem do outro banco, que finge ler mas os observa - é o cronista, no ócio criativo, aquele vácuo depois de concluir um trabalho e antes de ser fecundado pelo próximo, tempo de espreitar, de leituras leves, devaneios e contemplação.

[...]

Retribuindo, agora é ele que oferece. Ela não hesita nem nega: abocanha. E retém a mão dele, retirando-a devagar para sorver tudo. E sorriem, incluindo a gulodice nos divertidos pecadilhos da intimidade.

Parece que depois de longa convivência há mais lembranças do que esperanças e já não se conta com súbitos arrebatamentos, novas sensações, grandes surpresas. Gestos, sorrisos, carinhos e olhares têm a espontaneidade serena de quem trocou a expectativa pela certeza, a dúvida pela confiança, a volúpia pela ternura. E descobriu o prazer infindo de tomar sorvete em silêncio na tarde de outono.

[...]

A criança volta a correr atrás dos pombos. Ele se levanta com esforço, firma-se na bengala e ajuda-a a se erguer, os copinhos na mão. A babá volta à lixa, o cronista ao apaixonado par de bronze com seu cintilante repuxo. Ao ver o casal afastando-se devagar, ele com a mão no ombro dela, ela com a mão na cintura dele, num abraço ao mesmo tempo de carinho e apoio, se dá conta que o sonhado amor eterno, celebrado em bronze, está vivo na fragilidade do casal, no crepúsculo do outono.²

A crônica "No crepúsculo do outono" apresenta interessantes matizes de literariedade. Percebe-se a importante reinvenção da linguagem. Ela é evidente em expressões utilizadas por Alcione Araújo como, por exemplo, "ramagem chorona das árvores centenárias" e "fios de cabelos nevados". A linguagem reinventada se consolida à medida que o autor lega características humanas e típicas dos elementos naturais (neve) a componentes inanimados. Pode-se notar, além disso, que outras expressões também permitem ao leitor a possibilidade de verificar a reinvenção no que se refere à linguagem. Construções como "escultura que celebra em bronze o amor eterno do par apaixonado", "o cronista, no ócio criativo, aquele vácuo depois de concluir um trabalho e antes de ser fecundado pelo próximo", "divertidos pecadilhos da intimidade" e "a brisa estanca de ficar sólida" confirmam, sem dúvida, que a linguagem é, pouco a pouco, reinventada pelo cronista durante o desenvolvimento textual. A liberdade de expressão e a multissignificação se emolduram, paralelamente, em meio à construção – em prosa – da escrita de Alcione Araújo, confirmando o princípio teórico que nos mostra que a literariedade é característica

presente no texto analisado. A tarefa de proceder essa análise requer, inquestionavelmente, visão crítica por parte do estudioso-observador. A fim de ilustrar tal postulação de natureza teórica, Irving Babbitt (1968, p. 209) nos explica que o crítico sério, por exemplo, é aquele

que está mais preocupado em atingir uma correta escala de valores e em ver as coisas proporcionalmente. Sua virtude essencial é o equilíbrio. O específico benefício que ele traz para o campo das letras é uma influência moderadora em meio às insanidades entre as quais a humanidade constantemente oscila - oscilações que Lutero comparava às vacilações e aos cambaleios de um bêbado. A perspectiva que um determinado crítico tome ao encarar qualquer situação pode muito bem parecer satírica.

Isso tudo nos permite ver, portanto, a instauração dos princípios que regem a literariedade na primeira crônica selecionada. O segundo material que motivará outras discussões é o que, na sequência, aparece:

Sherazade espantada

Hoje: primeiro dia da semana, primeiro dia do mês, último mês do ano. O tempo pula muros, empurra portas e janelas, penetra nas frestas, enfia-se em gretas. O ano passou zunindo sem que me desse conta, e vai se desvanecendo na poeira! Entre a lembrança do vivido, que olha para trás, e a esperança em incertezas, ao olhar para a frente, encurta-se o presente, que foge num relance. Para alongar o tempo, Sherazade contava longas histórias, quem sabe não se pode driblá-lo com contos breves, leves, serelepes que, de moto-contínuo, vão e voltam, saltam e dão cambalhotas. Só depende de um pouquinho de criatividade.

Porém, o educador inglês Ken Robinson diz que perdemos a criatividade pelo medo de errar, medo que as crianças não têm. Convicto de que o medo nos toma com a constante exigência de certeza na escola, no trabalho e na vida, e de quem tem medo de errar nunca terá uma ideia original - e hoje o mundo exige constante inovação -, propõe uma escola que estimule a criatividade das crianças mais do que a própria alfabetização. Dá exemplo da criatividade infantil: a professora vê a garotinha de 6 anos rabiscando quieta no fundo da classe e pergunta o que está desenhando: "O retrato de Deus", ela responde. "De Deus?", reage a mestra. "Nunca ninguém O viu, querida. O mundo não sabe como é o rosto de Deus!" E a criança, desenhando: "Num minuto vai saber." [...]

² ARAÚJO, Alcione. No crepúsculo do outono. In: ARAÚJO, Alcione. **Cala a boca e me beija**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 221-223.

Mais o tempo se acumula em mim, mais veloz ele passa. Entre a lembrança que olha para trás e a esperança que olha para a frente, o ano passou zunindo e vai se desvanecendo na poeira, enquanto eu, que não sou educador, perco o que resta do presente falando de educação - talvez esteja regredindo à infância. Ou virei uma Sherazade espantada, querendo driblar o tempo com histórias rápidas, leves, serelepes, que vão e voltam, saltam e dão cambalhotas.³

Algumas expressões remetem o leitor à verificação do uso, recorrente, da reinvenção referente à linguagem: "O ano passou zunindo, sem que me desse conta, e vai se desvanecendo na poeira" e "contos breves, leves, serelepes". Isso revela que o autor, conhecedor de aspectos morfológicos e sintáticos que perpassam a Língua Portuguesa, consegue recriar, também, outros sentidos, atribuindo novas significações às palavras, cristalizando outro critério de literariedade: a multissignificação. Discutindo essa questão, Domicio Proença Filho (2007, p. 43-44) justifica que a multissignificação ou polissemia

não é marca exclusiva do texto de literatura. Pode configurar-se em qualquer outra manifestação verbal. [...] O texto de literatura, em função do contexto que o caracteriza, repele qualquer imposição coercitiva. Esse preocupar-se nele não se faz presente. O que leva a possibilitar ao destinatário, leitor ou ouvinte, a apreensão de uma multiplicidade de sentidos.

A liberdade criativa, fundamental à elaboração de bons textos, é aspecto que pontua a crônica de Alcione Araújo. O próprio título do texto "Sherazade espantada" recria uma nova personagem literária, agora, "vivida", no imaginário, pelo autor, gerando múltiplos sentidos, revelando um cenário que ganha dimensões antes impensadas, por meio da "libertação" criativa de Alcione.

O conceito que baliza a propriedade de liberdade no ato de criação da Literatura aparece fortalecido, também, através de construções como, por exemplo, "Entre a lembrança que olha para trás", "esperança que olha para a frente", "Ou virei uma Sherazade espantada", "driblar o tempo com histórias rápidas", "O tempo pula muros, empurra portas e janelas, penetra nas frestas, enfia-se em gretas" e "encurta-se o presente, que foge num relance".

A fim de concluir a reflexão de cunho analítico aqui realizada, reiteramos as palavras de Carlos Reis (1997, p. 155, grifo do autor), nas quais fica evidente o fato que devemos entender o discurso literário como

o conjunto de mensagens derivadas, em termos institucionais e em termos técnico-enunciativos, de uma formação discursiva superior que é a linguagem literária; o que significa que o **discurso literário** é enunciado por uma comunidade relativamente alargada, em cujo seio vigoram, em princípio de forma difusa e não coercivamente imposta, **regras constitutivas** (as do polissistema dos códigos e dos signos literários) que oscilam e evoluem, indirectamente condicionadas pelas mudanças do contexto histórico, social e ideológico em que essa comunidade se insere. Por outro lado, uma postulação do discurso literário como a que ficou enunciada pressupõe a existência de mecanismos de consolidação (associações, academias, etc.) [...] o que significa que, também neste caso, a automização e o reconhecimento de um discurso como o **discurso literário** apontam para uma dimensão **institucional**, dimensão em que, em última instância, se reconhece o exercício de um certo poder.

Considerações finais

A Literatura se cristaliza como um dos modos de manifestação artística mais significativos da cultura humana. De estratificada definição, essa arte poderia ser compreendida, talvez, como a exibição mais transparente do real poder verbal representado pelas palavras que "habitam" o papel na mesma condição, por exemplo, que o homem povoa as cidades. Contrastando com as ciências, independentemente de sua natureza, e com o conhecimento de caráter prático, a Literatura se configura, de modo crescente, como prática transformadora, seja do indivíduo (enquanto leitor), seja da sociedade em que ela atua como agente-cultural. Da *littera* – letra – ao livro impresso e, hoje, materializando-se na tela dos *tablets*, *smartphones*, *notebooks* e demais computadores, a arte literária se emoldura às necessidades das gerações, das comunidades e das civilizações. A remota escrita feita em pedras, as práticas orais e a prensa de Gutenberg demonstram o caráter eminentemente evolutivo que está impregnado à Literatura – forma artística tão cara ao homem.

³ ARAÚJO, Alcione. Sherazade espantada. In: ARAÚJO, Alcione. **Cala a boca e me beija**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 176-178.

Neste trabalho realizamos uma reflexão, de cunho qualitativo balizada por pesquisa de ordem bibliográfica, a fim de verificar como a literariedade se manifesta em um belíssimo gênero textual: a crônica. Para isso, selecionamos dois textos de autoria de Alcione Araújo, "No crepúsculo do outono" e "Sherazade espantada", ambos componentes do livro *Cala a boca e me beija*, que reúne setenta crônicas dentre as mais de duzentas que o autor já publicou no jornal *Estado de Minas*. A crônica – gênero dotado de multiplicidade de sentidos, fluidez linguística e hibridismo – ganha, por meio do talento de Alcione, uma nova roupagem, mais despojada e singular. Pontuado pelo vocabulário de fácil compreensão e riqueza estilística, o texto de Alcione Araújo surge como um dos mais representativos do cenário literário nacional na atualidade. A aguçada sensibilidade, a paixão desenfreada pelas coisas simples da vida e a erudição cultural são aspectos inerentes ao estilo literário de Araújo. Sua crônica não seleciona nenhuma palavra ao mero acaso: Alcione consegue, inquestionavelmente, dialogar com o leitor que, a cada nova página lida, se surpreende com a eloquência materializada no universo de palavras escolhido pelo autor.

As postulações de ordem teórica aqui apresentadas permitem aprofundar os estudos científicos acerca da Literatura, da literariedade e do gênero crônica. Em consonância a isso, verificamos que as orientações conceituais que se referem à literariedade foram trazidas à tona, comprovando, sem dúvida, que essa se fez presente nos dois textos eleitos como objetos de contemplação e análise. Significativo é mencionar, nestas considerações finais, que a crônica de Alcione Araújo se materializa como texto literário que tem a capacidade de contribuir com o importante e ininterrupto processo de formação de novos leitores, independentemente de classe social, faixa etária ou nível sociocultural, visto que possibilita a fruição, a reflexão e o aprimoramento intelectual individual.

O estudo aqui efetuado se constituiu como atividade representativa e construtora de novas reflexões acerca de questões literárias fundamentais ao momento no qual vive nossa Literatura.

Creemos, definitivamente, que a arte literária – representada pelas suas características intrínsecas, pelos seus múltiplos gêneros e pelos vários autores que a engrandecem – se mostra como atividade edificante do próprio ser, da sociedade e do patrimônio cultural da humanidade.

Referências

- ARAÚJO, Alcione. **Cala a boca e me beija**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BABBITT, Irving. O Crítico e a Vida Americana. In: NOSTRAND, Albert d. van. **Antologia de crítica literária**. Rio de Janeiro: Lidador, 1968. p. 208-221.
- DANZIGER, Marlies K. **Introdução ao estudo crítico da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- PROENÇA FILHO, Domicio. **A linguagem literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. Coimbra: Almedina, 1997.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

Ivânia Campigotto Aquino

Pós-doutora em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; professora da Universidade de Passo Fundo (UPF), em Passo Fundo, RS, Brasil.

Luís Francisco Fianco Dias

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Minas Gerais, MG, Brasil; professor da Universidade de Passo Fundo, em Passo Fundo, RS, Brasil.

Wilian Dal' Ponte

Doutorando em Linguística pela Universidade de Passo Fundo (UPF), em Passo Fundo, RS, Brasil; professor da Educação Básica.

Endereço para correspondência

Ivânia Campigotto Aquino; Luís Francisco Fianco Dias; Wilian Dal' Ponte

Universidade de Passo Fundo

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Letras

Rodovia BR-285, km 171

São José, 99052-900

Passo Fundo, RS, Brasil